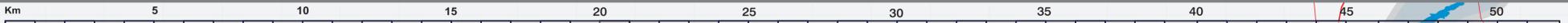


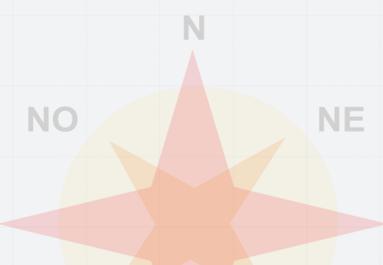
MAPA DO GRANDE LAGO | ALBUFEIRA DE ALQUEVA



Quadro com as distâncias de viagem, por água, entre pontos de interesse:

DISTÂNCIA (Km)	Amieira (aldeia)	Amieira Marina	Barragem Marina (cais)	Alqueva (aldeia)	Estrela (aldeia)	Luz (aldeia)	Mourão (vila)	Monsaraz (aldeia)	Cheles (bar)	Juromenha (aldeia)
Amieira (aldeia)		5,5	17,4	23,9	31,1	43,1	46,5	55,4	68,5	98,2
Amieira Marina	5,5		11,9	18,4	25,6	37,6	41	49,9	63	92,7
Barragem Marina (cais)	17,4	11,9		8	16,7	28,7	32,1	41	54,1	83,8
Alqueva (aldeia)	23,9	18,4	8		19,7	35,2	38,6	47,5	60,6	90,3
Estrela (aldeia)	31,1	25,6	16,7	19,7		16,5	18,9	31,3	44,4	74,1
Luz (aldeia)	43,1	37,6	28,7	35,2	16,5		9,6	18,5	31,6	62,8
Mourão (vila)	46,5	41	32,1	38,6	18,9	9,6		13,7	26,8	56,5
Monsaraz (aldeia)	55,4	49,9	41	47,5	31,3	18,5	13,7		26,1	46,2
Cheles (bar)	68,5	63	54,1	60,6	44,4	31,6	26,8	26,1		29,7
Juromenha (aldeia)	98,2	92,7	83,8	90,3	74,1	62,8	56,5	46,2	29,7	

- Gua010 BOIAS DE NAVEGAÇÃO
- ESTRADAS E CAMINHOS
- EM538 N.º DA ESTRADA
- MOINHOS SUBMERSOS
- ALDEIAS RIBEIRINHAS
- CAIS DE APOIO
- PARQUE DE MERENDAS



19 Gravuras Rupestres

A foz do Alamo é o local onde se encontraram as primeiras gravuras rupestres do Guadiana. Este núcleo de gravuras conjuntamente com as do Retorta e Volta, identificados a montante tem de comum, além da cronologia, as particularidades geomorfológicas do Guadiana. Com efeito, as gravuras ocorrem nas curvas mais acentuadas do rio, e onde o xisto se apresenta em afloramentos com superfícies expostas em mesa. Por alguma razão estas duas circunstâncias favoreceram uma tão excepcional concentração de arte rupestre neolítica, de que só se conhece paralelo no rio Tago, justamente no seu acidente mais notável, as Portas do Ródão. Ao contrário da arte rupestre paleolítica, onde predomina a representação naturalista de grandes animais herbívoros – cavalos e touros, sobretudo –, as gravuras neolíticas do Guadiana privilegiam as formas esquemáticas com representação humana e desenhos de carácter geométrico. Esta temática, reproduzida exclusivamente sobre o xisto e muitas vezes aproveitando as próprias naturais da pedra, evidencia um quadro mental e cultural em mudança, próprio do processo da neolitização. Com efeito, e por esta altura que começam a surgir sinais da valorização do Homem como entidade autónoma e criadora, capaz de dominar os animais e as plantas. Tais sinais coincidem, ainda, com a esquematização das gravuras enquanto elaboração mental de registos ideográficos, codificados ao grupo que os concebeu e, porque não, suas marcas de identificação comunitária. Esta esquematização da imagem como processo criativo onde a representação real vai dando lugar aos significados alegóricos ou simbólicos, será fundamental ao aparecimento da escrita alfabética.

10 Castelo da Lousa

Neste local encontra-se submerso, a pouca profundidade, o Castelo da Lousa. Esta grande e complexa estrutura arquitectónica de origem romana foi objecto de estudo ao longo das últimas décadas, o último dos quais no âmbito do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico no regadio de Alqueva. Pelo facto deste monumento nacional se situar na cota de submersão, tornou-se necessário salvaguardar a integridade da sua estrutura, selando-a sob uma gigantesca pirâmide de sacos de areia e betão. O Castelo da Lousa, situado num antigo espaço de difícil acesso sobre o rio Guadiana, é uma estrutura fortificada de planta rectangular de 20 por 23 metros. Apresenta muros de xisto com cerca de 2 metros de espessura e uma única porta de acesso virada a Leste. Datada do séc. I antes de Cristo.

15 Aldeia de Alqueva

Aldeia bastante antiga, já documentada em 1262 no arrolamento dos bens de D. João Peres de Abom, mordomo-mor de D. Afonso III. De forte expressão agrícola como deixa transparecer o próprio topónimo, a povoação nasceu em torno da primitiva ermida consagrada a S. Lourenço, santo mártir do cristianismo muito cultuado no Alentejo. Além desta igreja, totalmente reformada nos séculos XVIII e XIX, subsiste a ermida de Santo António, exemplar da arquitectura popular de finais do séc. XVI ou princípio do seguinte.

12 A Barragem de Alqueva

O Guadiana encontrou à passagem pela serra de Portel um dos maiores obstáculos naturais. Foi neste ponto de contacto que o maciço rochoso mais resistiu ao impulso do rio, resultando dessa luta titânica uma cicatriz geológica, aberta em vão profundo. Este acidente natural permitiu estabelecer a construção de uma barragem, denominada de Alqueva, por deferência toponímica à aldeia mais próxima. Os primeiros estudos para construir neste local uma grande obra hidráulica que represse as águas do Guadiana datam dos anos cinquenta do séc. XX. Uma tal obra permitia, em fase posterior, alimentar um ambicioso Plano de Rega para o Alentejo, condição essencial para contrariar a desertificação e subdesenvolvimento económico da região. Contudo, só algumas décadas mais tarde foi possível dar corpo ao Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva. Depois de alguns avanços e recuos motivados, sobretudo, por factores económicos, o empreendimento arrancou em 1998, findo concluído o corpo principal da barragem em Janeiro de 2002. As comportas foram fechadas no dia 8 de Fevereiro do mesmo ano. O paredão, com uma altura de 96 metros, formou um enorme rego com uma superfície total de 250 Km², sendo por isso considerado o maior lago artificial da Europa. Dos diferentes aproveitamentos desta imensa reserva estratégica de água destacam-se: o Sistema Global de Rega que irá irrigar 115 mil ha de terra através de 2.000 km de condutas, e a produção de energia eléctrica, cuja potência permitirá cobrir as necessidades de consumo de todo o distrito de Beja. Acrescem a estes factores a regularização do caudal do Guadiana, o abastecimento público de água e a potencialização de expectativas empresariais, em particular na área do Turismo.

17 Antas da Torrejona

Junto à margem da albufeira, as duas antas da Torrejona são uma das marcas do passado pré-histórico da região. Ambas conservam a estrutura elementar de sete estalos que delimitam uma câmara poligonal, aberta para um pequeno corredor, orientado a nascente. Nenhuma delas possui uma laje de cobertura na sua posição original, à imagem de um chapéu. Poucos são, também, os vestígios da mamoa – pequena colina artificial de terra e pedra que cobria inicialmente todo o conjunto. As antas são monumentos funerários megalíticos, construídos, ao que se supõe, como sepulcros familiares. Algumas delas, como as da Torrejona, foram edificadas sobre povoações mais antigas, prática que denuncia uma relação afectiva com a memória das antepassadas.

16 Povoado da Moncarxa

O nível da água da albufeira de Alqueva faz parecer suave e acessível o cabeço escarpado da Moncarxa que antes dominava as margens do rio Degebe. Na Pré-História, houve-se nele uma pequena comunidade na defesa de um território que explorava através de uma economia agrária, onde a pastorícia, a caça e a pesca e a recolocação tinham um papel importante. Neste povoado fortificado da Moncarxa foram produzidos os primeiros utensílios por fundição do cobre, facto que permite datá-lo do Calcolítico, período entre o III e o IV milénio antes de Cristo. Do muito espólio aqui encontrado, destacam-se as cerâmicas de bordo espessado e as pontas de seta de este tipo jacioso.

3 Juromenha

As origens de Juromenha remontam ao período de dominação romana. Testemunhos epigráficos funerários documentam a presença de cidadãos da tribo *pauparia*, facto que permite vincular esta região ao espaço geográfico e político de Augusta Emerita. Foi, no entanto, durante a ocupação islâmica que Juromenha se transformou numa povoação fortificada, sobretudo a partir do final do séc. XI, época em que se generalizou o clima guerra no Al-Andalus motivado pelas disputas internas do poder e pelas frequentes incursões militares dos reinos cristãos. Dessa época ainda se conserva o essencial da primitiva fortificação, disposta em grossas muralhas de taipa, robustecidas por torres quadrangulares. Após a conquista definitiva cristã, ocorrida em 1242 por D. Paio Peres Correia, insigne cavaleiro português que participou na tomada de Sevilha, Juromenha ganhou um marcado protagonismo na defesa da fronteira e do vale do Guadiana. D. Dinis concedeu-lhe carta de foral e aumentou o aparato defensivo do castelo através da construção da imponente torre de menagem. Após alguns séculos de estagnação, o papel de Juromenha como praefortis foi de novo evidenciado no período das Guerras da Restauração com a construção de uma nova fortificação abaluartada de planta poligonal, típica da engenharia francesa de Vauban. Este novo castelo fortificado, constituído pelo perímetro medieval e pelas baluartes do séc. XVII, apesar de muito amarrado, é o mais reconhecido património monumental de Juromenha e o seu mais viável recurso turístico para o futuro.

5 Monsaraz

A vila fortificada de Monsaraz está implantada num esporão rochoso, de onde se avista uma paisagem de grande beleza natural. Não se conhece a origem do nome, no entanto *mon-xaras* – “monte-xaras” (monte das estevas) –, é uma imagem poética apropriada à história e encanto deste lugar. Terra antiga, de romanos e árabes, foi a fronteira que a tornou guardiã e alta. Em 1157, Giraldo Sem Pavor, conquistador de Évora, tomou-a de assalto aos muçulmanos, que logo a recuperaram. Só em 1230, Monsaraz entrou definitivamente na posse da coroa portuguesa, através da acção militar dos cavaleiros templários, que dela ficaram senhores. A primeira carta de foral foi dada por D. Afonso III. Ali se estabeleceram os limites do primitivo termo medieval bem como das terras reguengas, ou seja aquelas que eram propriedade do rei. Foram estas terras que deram origem à designação de Reguengos de Monsaraz. No início do séc. XIV, a vila de Monsaraz passou a Comenda da Ordem de Cristo. Deste período datam a torre de menagem do castelo e o primitivo edifício do tribunal, decorado com a conhecida pintura “O Bom e o Mau Juiz”. Em 1412, a vila foi integrada na Sereníssima Casa de Bragança por doação do condestável D. Nuno Álvares Pereira ao seu neto D. Fernando, segundo Duque de Bragança. Em 1512, D. Manuel I concedeu-lhe foral novo, instrumento de normalização fiscal e administrativa, fundamental ao desenvolvimento concelho. Contudo, a grave crise demográfica de 1527 causada pela peste, obrigou o Duque de Bragança, D. Jaime, a definir um parcelamento das terras comunais do concelho como medida de fixação demográfica, situação que explica, ainda hoje, a paisagem de minifúndio nos arredores de Monsaraz.

8 Castelo do Moinho de Gato

A pequena estrutura fortificada, outrora localizada num esporão junto à foz da ribeira do Azevil, junto ao Moinho do Gato, está hoje bem visível na margem da Albufeira de Alqueva. Foi objecto de escavação arqueológica no âmbito do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico no regadio de Alqueva. Esse estudo apurou que a sua cronologia e função parecem corresponder ao tipo de castelos da época romana republicana com paralelos na região e de que o Castelo da Lousa é o testemunho mais importante. A implantação destas pequenas fortificações, sobretudo junto dos principais cursos de água, marca o primeiro momento de posse e defesa do território pelas legiões romanas.

6 Recinto Megalítico do Xerez

O recinto megalítico do Xerez insere-se numa notável área de monumentos pré-históricos que, ocupando todo o Alentejo Central, parece ter ficado contida nas margens do Guadiana. Diferente da disposição ordenada dos seus 52 menires óvados num recinto de planta quadrangular. Todos os outros conhecidos são de planta oval, tendencialmente em forma de rectângulo, aberta a nascente. Esta diferença poderá ter sido resultado de uma tentativa de reedição, nos anos 70 do século passado, levada a cabo por Pires Gonçalves. O recinto do Xerez tem ainda a particularidade de apresentar um único menir central com cerca de 3,5 metros de altura, decorado com 18 covinhas.

14 Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

14 Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

14 Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

14 Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

14 Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

14 Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

14 Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

Juromenha

As origens de Juromenha remontam ao período de dominação romana. Testemunhos epigráficos funerários documentam a presença de cidadãos da tribo *pauparia*, facto que permite vincular esta região ao espaço geográfico e político de Augusta Emerita. Foi, no entanto, durante a ocupação islâmica que Juromenha se transformou numa povoação fortificada, sobretudo a partir do final do séc. XI, época em que se generalizou o clima guerra no Al-Andalus motivado pelas disputas internas do poder e pelas frequentes incursões militares dos reinos cristãos. Dessa época ainda se conserva o essencial da primitiva fortificação, disposta em grossas muralhas de taipa, robustecidas por torres quadrangulares. Após a conquista definitiva cristã, ocorrida em 1242 por D. Paio Peres Correia, insigne cavaleiro português que participou na tomada de Sevilha, Juromenha ganhou um marcado protagonismo na defesa da fronteira e do vale do Guadiana. D. Dinis concedeu-lhe carta de foral e aumentou o aparato defensivo do castelo através da construção da imponente torre de menagem. Após alguns séculos de estagnação, o papel de Juromenha como praefortis foi de novo evidenciado no período das Guerras da Restauração com a construção de uma nova fortificação abaluartada de planta poligonal, típica da engenharia francesa de Vauban. Este novo castelo fortificado, constituído pelo perímetro medieval e pelas baluartes do séc. XVII, apesar de muito amarrado, é o mais reconhecido património monumental de Juromenha e o seu mais viável recurso turístico para o futuro.

Cheles

Cheles da população espanhola mais próximo do Grande Lago. O primitivo núcleo urbano de origem muçulmana, edificado no lugar de San Blas, foi tomada pelos cavaleiros templários, em 1231, durante o reinado de Fernando III de Castela. Sem nunca ter sido um lugar fortificado, em comparação com as fortalezas do lado português, Cheles encontraria no século XVI, o período de maior desenvolvimento urbano, graças à família de Manuel Villena, senhores da terra. É deste período a construção da Igreja de N. Sra. de la Concepción, a mais notável estrutura religiosa de Cheles. No século XVII, na sequência de conflitos fronteiriços da Guerra da Restauração, Cheles foi despojada, tendo sido mais tarde repovoada com um grande número de famílias riberanas portuguesas. A sua proximidade com o Guadiana é particularmente reflectida nas suas especialidades culinárias que assentam sobre a preparação do peixe do rio, como no caso do encapacho de peixe.

Monsaraz

A vila fortificada de Monsaraz está implantada num esporão rochoso, de onde se avista uma paisagem de grande beleza natural. Não se conhece a origem do nome, no entanto *mon-xaras* – “monte-xaras” (monte das estevas) –, é uma imagem poética apropriada à história e encanto deste lugar. Terra antiga, de romanos e árabes, foi a fronteira que a tornou guardiã e alta. Em 1157, Giraldo Sem Pavor, conquistador de Évora, tomou-a de assalto aos muçulmanos, que logo a recuperaram. Só em 1230, Monsaraz entrou definitivamente na posse da coroa portuguesa, através da acção militar dos cavaleiros templários, que dela ficaram senhores. A primeira carta de foral foi dada por D. Afonso III. Ali se estabeleceram os limites do primitivo termo medieval bem como das terras reguengas, ou seja aquelas que eram propriedade do rei. Foram estas terras que deram origem à designação de Reguengos de Monsaraz. No início do séc. XIV, a vila de Monsaraz passou a Comenda da Ordem de Cristo. Deste período datam a torre de menagem do castelo e o primitivo edifício do tribunal, decorado com a conhecida pintura “O Bom e o Mau Juiz”. Em 1412, a vila foi integrada na Sereníssima Casa de Bragança por doação do condestável D. Nuno Álvares Pereira ao seu neto D. Fernando, segundo Duque de Bragança. Em 1512, D. Manuel I concedeu-lhe foral novo, instrumento de normalização fiscal e administrativa, fundamental ao desenvolvimento concelho. Contudo, a grave crise demográfica de 1527 causada pela peste, obrigou o Duque de Bragança, D. Jaime, a definir um parcelamento das terras comunais do concelho como medida de fixação demográfica, situação que explica, ainda hoje, a paisagem de minifúndio nos arredores de Monsaraz.

Castelo do Moinho de Gato

A pequena estrutura fortificada, outrora localizada num esporão junto à foz da ribeira do Azevil, junto ao Moinho do Gato, está hoje bem visível na margem da Albufeira de Alqueva. Foi objecto de escavação arqueológica no âmbito do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico no regadio de Alqueva. Esse estudo apurou que a sua cronologia e função parecem corresponder ao tipo de castelos da época romana republicana com paralelos na região e de que o Castelo da Lousa é o testemunho mais importante. A implantação destas pequenas fortificações, sobretudo junto dos principais cursos de água, marca o primeiro momento de posse e defesa do território pelas legiões romanas.

Recinto Megalítico do Xerez

O recinto megalítico do Xerez insere-se numa notável área de monumentos pré-históricos que, ocupando todo o Alentejo Central, parece ter ficado contida nas margens do Guadiana. Diferente da disposição ordenada dos seus 52 menires óvados num recinto de planta quadrangular. Todos os outros conhecidos são de planta oval, tendencialmente em forma de rectângulo, aberta a nascente. Esta diferença poderá ter sido resultado de uma tentativa de reedição, nos anos 70 do século passado, levada a cabo por Pires Gonçalves. O recinto do Xerez tem ainda a particularidade de apresentar um único menir central com cerca de 3,5 metros de altura, decorado com 18 covinhas.

Aldeia de Amieira

Aldeia de fundação bastante antiga, já aperece documentada no séc. XIII no rol dos bens territoriais de D. João Peres de Abom, senhor de Portel. Nessa recuada época era esta povoação conhecida por *Aldeia da Moura*, provavelmente devido à sua proximidade ao sítio viário que ligava directamente Évora a Moura. Destaca-se, no seu casario branco, parte dele construído em adobe tradicional, algum património religioso como a ermida de S. Romão e a igreja paroquial, consagrada a N. Sra. das Neves. Muito isolada antes da construção da barragem de Alqueva, a aldeia conserva um riquíssimo património cultural na expressão do canto e da música tradicional alentejana, e onde não falta uma singular cozinha, herdada da mesma tradição da caça, do peixe do rio e dos produtos da serra.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Estrela

A Estrela é hoje uma aldeia ribeirinha em consequência da subida das águas de Alqueva. Tem cerca de 125 habitantes e pertence à freguesia de Póvoa de S. Miguel, concelho de Mourão. Não se se conhece um passado histórico tão rico como as outras localidades vizinhas. Por isso a sua arquitectura é, sobretudo, composta por casario popular, dominado pela simples igreja paroquial. Sítio de gente simples e acolhedora, tem na sua rica e variada gastronomia tradicional um dos principais pontos de visita. A antiguidade dos lugares costuma reflectir-se na sua toponímia. Se este não é, claramente, o caso da aldeia da Estrela, o mesmo não se poderá dizer do nome das ribeiras que lhe ficam próximo – Alcarache e Zebro. A ribeira de Alcarache é um afluente do Guadiana com origem toponímica no árabe peninsular, alíás como a maioria dos cursos de água do sul do país. Curiosa, no entanto, é a designação de Zebro que deverá ter origem no nome do animal da família dos equídeos (*Equus asinus*) aperreado com o burro doméstico, documentado em registos medievais, como por exemplo nos forais de Évora e Portel. Dele existe, ainda, uma reprodução estampada num fragmento de talha do período Almôada, encontrado no castelo de Silves. Este *asinu montés*, como um documento antigo se refere, extinguiu-se por volta do séc. XV.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam, ou, ainda, na nova igreja matriz de Nossa Senhora da Luz. O encontro destes valores está hoje bem representado no Museu da Luz, projecto notável, premiado a nível internacional. No seu interior, o visitante tem a oportunidade de conhecer o diálogo multissecular da memória e identidade deste povo, simultaneamente alentejano, raiano e ribeirinho.

Aldeia da Luz

A Aldeia da Luz é a mais recente povoação do país. Necessária da necessidade de alojamento de cerca de 373 habitantes que viviam na antiga Aldeia da Luz, entre outros submersos pelas águas de Alqueva. Planificada de acordo com os padrões culturais da região e respeito pelos antecedentes do fogo de cada habitante, a nova Aldeia da Luz é um projecto-modelo na aplicação e salvaguarda dos valores comunitários. A tradição e a modernidade coexistem nas ruas de alcaçóis brancos, charminés que escondem cozinha-de-luz, travessas, quintais e vizinhanças que se não perderam,